

Prescrições¹ e o leitor contemporâneo: novas formas de ler o mundo

Prescriptions and the contemporary reader: new ways of reading the world

Carina Ochi Flexor² (UFS-UFG)

Palavras-chave: cultura digital; livros digitais; leitor; prescrição.

Resumo

O presente artigo busca refletir – a partir das discussões sobre o futuro da escrita de Flusser³ e, ainda, a partir do contexto do livro digital –, sobre a figura do leitor na contemporaneidade. O texto parte de uma contextualização histórica e cultural, fundada na relação escrita-livro, alcançando as atuais conformações livrescas que se orientam a partir dos pressupostos da cultura do dígito. A partir da caracterização do livro digital, como exemplo de prescrição, o artigo aponta para uma perda da referencialidade do modelo de leitor do livro-brochura.

Keywords: digital culture; digital books; reader; prescription.

Abstract

This article aims to reflect – from the discussions of the future of Flusser's writing and also from the e-book context – on the reader's figure in contemporary times. The text starts at a historical and cultural context, based on the writing-book relation, reaching the current bookish conformations which are directed from the assumptions of a culture of digit. At last, from the characterization of the digital book, as prescription example, this article points to a loss of the reference booklet reader model.

Legere Oculis

Ao atentar-se para as palavras *Legere Oculis*, confronta-se com a ideia de “colher com os olhos” letras, palavras, linhas e, sobretudo, entrelinhas. *Legere* (ler) seria, então, um jeito de escolher e (re)colher rastros de linhas de outrem. Uma decodificação lenta que transveste-se em imagens mentais particulares. Um ato que requer, historicamente, uma linha que se alinha com outras, formando um tecido/contexto que promove um refletir a partir de uma ideia de *continuum*, formando o que conhecemos de consciência histórica que, por sua vez, nos permite (ou impede?) de refletir sobre o leitor contemporâneo.

As tecnologias digitais têm provocado significativas transformações, inclusive, nas concepções de tempo e espaço, nos processos comunicacionais, nas articulações sociais, na consciência histórica e, fundamentalmente, nas

¹ Prescrições referem-se ao programar, essa linguagem binária que se dirige às máquinas.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Arte Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora do Curso de Publicidade e Propaganda, Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

³ FLUSSER, Vilém. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

relações dos sujeitos contemporâneos com o ler e, em especial, com objeto livresco.

O que é produzido pelos códigos digitais pode estar, conforme afirmou Flusser (2010), se apresentando em todos os lugares, podendo ser atualizado a todo instante. Os conceitos de passado, presente e futuro e, sobretudo, espaço se atualizam, ganhando novos significados. O contexto atual parece arrancar o leitor – de uma noção temporal linear que se reforçava no desenrolar do texto, por entre o passar das páginas de um livro – não mais do passado para o futuro (consciência histórica), mas do futuro ao encontro do presente. Conforme o autor registrou (FLUSSER, 2010, p.23) já vivemos um tempo –, que ganhamos mais tempo –, em que as máquinas fazem uma história melhor, mais rápida e variada do que já fizemos.

Se, por um lado, o objeto livresco prestou-se, até aqui, como depositório da história da humanidade, endurecendo a memória (FLUSSER, 2010), por outro, vive-se a eminência da perda, em algum momento da história, de um sem fim de conteúdos disponibilizados na rede, frente à possibilidade da obsolescência de *hardwares* e *softwares*, levando a humanidade, conforme pondera Vint Cerf, vice-presidente do Google (2015), à idade das Trevas Digital, com gerações futuras sem nenhum registro do nosso século.

Ademais, se a informação passa, então, a ser lida por dispositivos ubíquos inteligentes, facilitando a análise de um volume assustador de dados, permitindo, inclusive, o cruzamento de informações, antes, impensadas, então, tem-se hoje um potencial gigantesco de conexões relacionais sem precedente na história. A característica enciclopédica da sociedade do Big Data (LIMA JÚNIOR, 2011), que já vivemos, torna o leitor um sujeito ativo – ele querendo ou não –, como uma espécie de leitor-escritor. Diz-se isso, pois produzimos não só informações intencionais (produção ativa) –, como a publicação de informações no *facebook*, por exemplo –, como também geramos um sem fim de informações através da geolocalização, preferências dadas a partir de *likes* etc (produção passiva).

No contexto da cultura pós-massiva, do fenômeno da dataficação e da criação de objetos inteligentes de uso cotidiano do leitor, as narrativas livrescas tendem a caminhar no sentido de um descolamento dos dispositivos de leitura, para os artefatos de uso pessoal de cada sujeito. Diante desse cenário, então, interessa perceber que o que será escrito contará com sobrescrições⁴ de distintos sujeitos que, para além da multilinearidade própria do meio, se difundirá entre diversos artefatos conectados, tornando a leitura um processo cambiante, movente, pulverizado. Flusser (2010, p. 36) afirmou que “trata-se de uma característica do progresso: tudo torna-se estruturalmente mais complexo, para funcionalmente tornar-se mais fácil”.

A base de dados mundial é gigantesca, mas permite um entrecruzar de informações impensadas no modo analógico, tanto do ponto de vista

⁴ Sobrescrição, segundo Flusser (2010), dentre muitos aspectos que o autor destaca, são escritas fugazes aplicadas em superfícies.

quantitativo, quando qualitativo. De outra forma, se a transmediatização e a dataficação, enquanto manifestações próprias da cultura contemporânea, representam uma mudança significativa da sociedade em lidar com a informação, parece emergente, então, refletir – a partir dos livros digitais, como exemplo de prescrição –, sobre quem é esse leitor da pós-escrita.

Neste sentido, pensar o livro digital ultrapassa o discutir acerca dos deslumbramentos midiáticos que envolvem o uso do termo “digital”, enquanto um qualificador do suporte sob o qual a matéria informacional se acomoda (FLEXOR, 2012), pois este carrega em si mudanças significativas no ecossistema simbólico da linguagem e, conseqüentemente, no campo da sua produção, armazenamento, distribuição e recepção, demandando, assim, revisões acerca dos sujeitos envolvidos nesse contexto, em especial, o leitor.

Se o leitor lê, e ler (*legere*) é antes escolher, nosso espectro de leitura estaria, então, reduzido às escolhas permitidas pelos aparelhos inteligentes? Haveria como o leitor abrir a caixa preta (FLUSSER, 1985), podendo ele escolher os caminhos de sua leitura? Até quando o leitor usará dos artefatos para expressar questões subjetivas, deixando à margem o conteúdo do aparelho? Até quando deixaremos que esses artefatos inteligentes façam uso de informações da vida privada na construção de narrativas livrescas, a partir do fenômeno da dataficação? Como ficam os leitores contemporâneos diante dos livros aplicativos (*softwares*), caixas pretas, dentro de outras caixas pretas (*hardwares*)? Se a possível morte anunciada da escrita alfabética, ressaltada por Flusser (2010), for, enfim, verdade, o objeto que consagrou a escrita, o livro, também morrerá e assim não teremos mais leitores de livros? Se somos herdeiros do livro ocidental e de uma escrita linear decorrente dessa filiação, de quem herdaríamos esse novo modo de ler oriundo dos códigos binários? Os livros digitais, então, seriam como “*bondelos*”? O leitor-modelo, a que ECO (1988) se referia, sobreviverá frente as prescrições próprias dos livros digitais? Flusser (2010, p. 14) teria razão quando dizia que, no futuro, apenas os historiadores e outros especialistas terão de aprender a ler e escrever? Estamos saindo, então, do *status* de letrados para iletrados? Com a suplantação da consciência histórica, nós leitores perderemos a nossa capacidade crítica? Seria esse leitor contemporâneo um autor-leitor, um leitor-autor e também iludido gestor do seu processo de leitura? Seria o ler, assim como o escrever, como aponta Flusser (2010, p. 14), um gesto (político) expressivo que se volta ao encontro de um outro leitor? Quem são esses leitores? Homens? Computadores? Esse leitor preso às prescrições, obedecendo aos caminhos dados pelos programas, não seria ele um outro que não aquele que se manteve preso à linearidade do signo verbal?

Essas e tantas outras inquietações é que motivaram o desenvolvimento desse texto que, por sua vez, não pretende ser resposta, do contrário, deseja ser, antes, um espaço-tempo para discutir algumas dessas questões.

A interdependência escrita-livro-leitor

A questão do livro, diante das mudanças culturais na era da pós-história (FLUSSER, 1983) ou pós-informação (NEGROPONTE, 1995), deve ultrapassar as discussões tecnológicas focadas na flexibilização dos suportes e processos tradicionais vinculados à brochura impressa (FLEXOR, 2012). Antes, a problemática instaurada diante da possibilidade de digitalização do livro em contextos de desterritorialização informacional (LEMOS, 2004) e sob artefatos de conexão contínua, diz de uma revisão desse objeto que legitimou o modelo de pensamento assimétrico e fonocêntrico da escrita, conforme registrou Derrida (1976), e que influenciou, se não definiu, um modelo de livro (brochura) e um leitor-modelo (ECO, 1988).

A crise anunciada pelo livro na contemporaneidade, portanto, diz mais do que uma simples crise da sua materialidade, aponta para uma revisão acerca da ideia de verdade histórica, do autor enquanto figura de autoridade, dos modos de produção, difusão e acesso do conhecimento humano (FLEXOR, 2012). Mais que revisitar a história do livro a partir da lente hegemônica, sob a qual o livro se popularizou, cabe reconhecer as transformações estabelecidas culturalmente a partir da escrita que se mostra abalada, quando da prescrição livresca digital, a partir de um escrever com signos não-alfabéticos.

Mesmo considerando a evolução das técnicas de reprodução da brochura e mesmo sua portabilidade, sua conformação, no geral, e os modos de acessá-la permaneceram estáticas. O conteúdo escrito, concebido por um autor e dirigido a um leitor-modelo, se apresenta através de um encadeamento lógico pré-definido e se apoia em estratégias compositivas e estruturais de sua concepção e que obedecem à lógica do signo verbal.

Para Flusser (2010), a consciência histórica nasce da escrita linear, afirmando que o pensamento ocidental é histórico no sentido de que concebe o mundo em linhas, ou seja, como um processo ou sucessão de acontecimentos que nos leva ao futuro. Afirmou, ainda, que a escrita unidimensional permite ao leitor refletir sobre o que lê, colocando, como ele mesmo diz, os pensamentos nos trilhos. É compreensível que se pense, dessa forma, que a figura do escritor tenha surgido da necessidade de superação do homem em vencer o tempo e de “endurecer a memória”.

Escrever exige um leitor, a quem o desenrolar dos sinais gráficos, se dirige. Escolhas estilísticas são feitas na conformação da escrita, desde a escolha da língua até seu gênero e modos de apresentação, prevendo, dessa forma, seus leitores-modelos. Segundo Eco (1988) prever o próprio leitor-modelo, não implica em esperar que este exista, mas sim que se deve mover o texto no sentido de construí-lo. Assim, não só a escrita moldou a forma do livro, como este também corroborou para a conformação de um modelo de leitor.

Outros sim, ao migrar para as atuais tecnologias de acesso e da conexão contínua, os livros, e o repertório de práticas de leitura que o cercam, ganham parâmetros de uso relativos aos novos suportes midiáticos com os quais são

convidados a dialogar. Assim, também, os modelos canônicos de atuação dos processos psicológicos básicos envolvidos na leitura precisam ser problematizados, a partir dos novos parâmetros de atenção e memória apresentados pelos usuários dessas tecnologias.

Diz-se isso pelo fato de que essas tecnologias, principalmente aquelas ditas ubíquas, não apenas solidificam os processos simbólicos já apresentados pelas distintas matrizes de linguagem conviventes nos hipertextos, como permitem uma atuação nova e um estado de “prontidão cognitiva” (ROCHA, 2009) do usuário em relação à informação. Diferente, portanto, da postura linear implícita no discurso do signo linguístico (SAUSSURE, 1996), sob o qual foi tradicionalmente centrada a tradição livresca, a atitude cognitiva do leitor é desafiada não apenas pelos *affordances* (GIBSON, 1986) a elas relativos, mas também por um ecossistema semiótico de signos advindos de outras mídias, notadamente menos verbais, e atravessadas pela lógica do entretenimento (FLEXOR, 2012).

Se, diante dos fatos expostos, a leitura e o livro apresentam novos desafios, quando da sua atualização na cibercultura, por conseguinte, também os processos que envolvem o leitor e o escritor, a partir da ferramenta livro, independente da modalidade midiática, sugerem atenção investigativa.

Com o avanço tecnológico dos livros digitais e com as mudanças que a nossa compreensão sofreu quanto a relação espaço-temporal, cada aparelho passou a requerer determinada prescrição, termo que, para Flusser (2010, p. 89) acompanha o homem antes da própria máquina, relacionando-se a um modo de comportamento.

Se a revolução industrial teve papel relevante no estabelecimento de normas de comportamento homem-maquínico, a revolução da informática, por sua vez, propiciou novos padrões, novas prescrições em relação aos programas desses aparelhos. Para Flusser (2010) o programa é uma obra escrita que não se dirige a seres humanos, mas aos artefatos construídos pelos homens e se assim o é, a escrita, notadamente da sociedade pós-industrial, se assenta sobre o código binário. É a organização desses dados que permite a criação de programas – *softwares* – que prescrevem aos aparelhos como devem ser o seu funcionamento (OLIVEIRA, 2012).

Sobre prescrições e o seu leitor

Diante, então, da forma de objetualização do conteúdo livresco que ora figura-se na contemporaneidade, o livro passa a ser apreendido como vetor resultante de uma relação de linguagens que se apresenta ao leitor por meio da interface gráfica – que, por sua vez, assume o papel de porção aparentemente tangível da manifestação livresca –, deixando à margem da sua percepção a existência do somatório de *hardware*, *software* e/ou arquivo, tornando, desse modo, metonímica (FLEXOR, 2012), por natureza, a relação leitor-livro na cibercultura. Nesse sentido, ao passo que as tecnologias da informação e comunicação fazem corroborar para um avanço da noção que se tem do livro, por outro lado, oculta uma linguagem, dita discreta (MANOVITCH, 2013), que não é dada a interpretações, pelo menos não para uma maioria dos

leitores contemporâneos.

No contexto da virtualização (LEVY, 1999), distinguem-se duas categorias de livros digitais: os livros arquivos e os livros aplicativos. Os primeiros dependem de *softwares* de leitura (*e-readers*), os segundos são *softwares* propriamente ditos e ambos dependem de um *hardware* que, por sua vez, pode ser um dispositivo de leitura como o iPad, o Kobo, o Kindle ou mesmo qualquer outro artefato tecnológico dessa natureza.

Os livros-arquivos, primeira forma de conformação do livro no meio digital, em sua maioria, são apresentados a partir de arquivos com as extensões diversas. Estes, a depender da extensão, muito embora se apresentem mais flexíveis em termos de plataforma do que os livros aplicativos, ainda carecem de aplicativos de leitura específicos ou, no caso dos *hardwares* específicos para leitura, esta funcionalidade já precisa estar embedada⁵ em seu sistema operacional (FLEXOR, 2012). Assim, estes livros se mantêm dependentes de *softwares*, embutidos em *hardwares* específicos.

Acerca dos *appbooks*, estes seriam, então, prescrições inscritas em um *hardware* que também possui a programação necessária para seu acesso. A crise, então, que ameaça a escrita, anunciada por Flusser (2010), é decorrente não apenas da textolatria em que o homem se deixou conduzir, mas, sobretudo, porque a própria escrita tem sofrido modificações na sua forma linear de apresentação, em função da lógica maquínica, cuja escrita é organizada por elas próprias, obedecendo ao código não-alfabético, o binário.

Se antes os *e-books* já dispensavam a figura do editor, exigindo somente “escritores do código binário” para programar o livro que se pretendia, hoje, já existem *softwares* muito simples que permitem que um escritor, não iniciado na linguagem da máquina, possa produzir o seu próprio livro digital. Em outros casos, entretanto, ao passo que se destituiu a figura do editor, criou-se a urgência de uma outra figura na indústria livresca: a figura do programador. Para Flusser (2010), programar não pode ser comparado com o escrever, pois obedecem à lógicas bastante distintas, exigindo um modo de pensar também diferente. O autor afirma que o programador não escreve, ele prescreve, sendo o homem funcionário a ser programado para viver em contexto simbólico. Seríamos, então, todos nós sujeitos-leitores em potencial programados? O autor pontua que temos, em vez de escritores, programadores; em vez do código alfabético, o código binário; em vez de textos que se dirigem ao leitor, prescrições para as máquinas e, em vez de obras, programas de computador.

Os modos de leitura da escrita, muito se diferem das imagens. A primeira se limita na sua própria linearidade – não sendo possível contemplar o todo de uma única vez –, exigindo uma decodificação lenta, pois letra a letra, convocando o que Calvino (2008) chamou de visibilidade ou imagens mentais advindas da leitura do texto. Apesar das diferenças, textos e imagens podem esconder, nas entrelinhas, significados ambíguos dirigidos, normalmente, para

⁵ O termo embedar (*embending*) refere-se à característica de incorporar informações e/ou determinadas funcionalidades a um software ou um arquivo de modo a possibilitar maior autonomia na execução da tarefa.

um modelo de leitor. E o que diríamos da linguagem binária? Como decodificá-las se sequer podemos vê-las?

Considerações finais

Os livros – depósito da escrita –, ao longo de sua história suplantou um sem fim de resistências, sendo confinados aos eclesiásticos no período medieval ou mesmo queimados na antiguidade. Alicerçado pela força da linguagem que lhe conferiu a sua forma, a brochura se prestou como porta voz da resistência da escrita, prestando-se ora à Igreja, ora a jogos políticos, ora ao capital, evidenciando a sua capacidade de influenciar leitores de diversos tempos. Se assim se escreveu, até aqui, a história da humanidade, talvez assim perpetuemos o nosso fazer. Talvez não da mesma forma, talvez essa escrita não se preste mais como ferramenta de poder... a linguagem discreta (MANOVITCH, 2013), das máquinas, pode estar operando uma ditadura silenciosa para os muitos iletrados.

Ao contrário dos adjetivos silenciosa, reflexiva, concentrada e particular, geralmente atribuídos ao hábito da leitura, o livro-digital sinaliza para uma potência de leitura marcada pela atitude multifocada e, ao mesmo tempo, independente, que em muito difere das posturas cognitivas mais contemplativas daqueles leitores educados na tradição da escrita e da brochura impressa.

Sem dúvida, tais mudanças mas do que rupturas com a tradição livresca, denunciam, antes, alterações profundas no modo de escrever, de ler e, sobretudo, de pensar. Por fim, se levarmos a cabo que só no gesto do escrever podemos expressar a existência humana (FLUSSER, 2010, p.14), como, então, expressaremos e garantiremos a nossa existência com a supremacia da prescrição?

Bibliografia

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DERRIDA, Jaques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FLEXOR, Carina O. *Appbook Raízes: bibliogênese e devir livro*. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Curso de Pós-Graduação em Cultura Visual.

GARCIA, Gabriel. Info Online. *Pioneiro da internet alerta para "Idade das Trevas digital"*. Revista Exame. Tecnologia, São Paulo, 13 fev. 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/pioneira-da-internet-alerta-para-idade-das-trevas-digital>. Acesso em: 22.fev. 2016.

FLUSSER, Vilém. *A filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIMA JÚNIOR, Walter T. *Jornalismo computacional em função da “Era do Big Data”*. Revista Líbero. São Paulo – v. 14, n. 28, dez. de 2011.

LYONS, Martyn. *Livros: uma história viva*. São Paulo: SENAC, 2011.

MACHADO, Arlindo. *Fim do livro?* Estudos Avançados, São Paulo, v. 8, n. 21, mai-ago., p. 211-214, 1994.

MANOVICH, L. *Software takes command*. New York: Bloomsbury, 2013.

MARTIN, Henry-Jean; FEBVRE, Lucien. *O aparecimento do livro*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1992.

MARTIN, Henri-Jean. *History and power of writing*. Tradução Lydia G. Cochrane. Chicago: University Press, 1995.

MURRAY, Jane H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. Tradução Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural/UNESP, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Danusa. *O escritor e o leitor na era digital à luz de Flusser*. São Paulo. Disponível em <http://sitios.anhembibr/damt/arquivos/20.pdf>. Acessado em 6.dez.14

PROCÓPIO, Ednei. *O livro na era digital*. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

ROCHA, Cleomar. *Pontes, janelas e peles: contexto e perspectivas taxionômicas das interfaces computacionais*. 2009. Relatório de estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – PUC-SP.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1996.